

Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura apresentam



Figuras da Dança
J.C. VIOLLA



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



Um estranho no ninho

J. C. Violla nasceu em 1947, na cidade de Lins, interior do estado de São Paulo, e recebeu o nome José Carlos de Azevedo Viola. Os dois I no sobrenome surgiram no começo da carreira artística, por mero capricho. Era Azevedo por parte da mãe, Angelina, portuguesa do norte (Castelo de Paiva), e Viola por parte do pai, Jorge, filho de imigrante italiano (Colli Zanita).

Quando criança, gostava de dançar, mas nem imaginava que a participação em festas escolares o levaria a tornar-se profissional. Antes de ter aspirado a uma carreira de cantor, trilhou outros caminhos, como o da publicidade e da propaganda, na Faculdade de Comunicação Social Anhembi, e o da geologia, na Universidade de São Paulo (USP).

Atraído pelas artes, não chegou a fazer uso dos ensinamentos universitários. Como cantor, participou de um grande show dirigido por Abelardo Figueiredo (1931-2009); no elenco estava o famoso bailarino Lennie Dale (1934-1994), americano radicado no Brasil. Foram as aulas da mestra Maria Duschenes, discípula e seguidora de Rudolf Laban (1879-1958) e Kurt Jooss (1901-1979), que nortearam e influenciaram para sempre a carreira de Violla como ator, bailarino, coreógrafo e professor de dança. Dona Maria, como a chamavam, gostava especialmente de dois talentosos alunos: Juliana Carneiro da Cunha e J. C. Violla. Juliana há muito brilha no Théâtre du Soleil (Paris), mas Violla desenvolveu seus talentos no Brasil. Outro notável aluno de Maria Duschenes foi o bailarino Denilto Gomes (1953-1994). Diz Violla: “Muita coisa me impressionava

<< [capa] Nijinsky, de Naum Alves de Souza, 1987 (foto: Miro Sousa)

< J.C Violla (foto: Miro Sousa)

em dona Maria. Embora vítima da paralisia infantil e com limitações evidentes, ela, quando queria demonstrar um movimento ou uma sequência, apoiava-se em uma parede ou móvel e executava tudo de maneira deslumbrante. Minha impressão é de que nunca vi nada parecido – nenhuma bailarina foi tão expressiva, tão brilhante. Guardo essa lembrança até hoje”.*

A formação de J. C. Violla não se assemelha àquela de um bailarino clássico ou contemporâneo. Mostrou-se ao público pela primeira vez em 1972, pelas mãos de dona Maria, no *Espetáculo Cinético*, uma coreografia inusitada com música eletrônica, que era incompatível com o que se fazia na época e foi apresentada no grande auditório do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Com dona Maria, ainda trabalharia em *Magitec*, outro espetáculo de vanguarda, na Primeira Bienal Latino Americana.

Talvez a dança seja o elemento pelo qual Violla se fez mais conhecido, tanto pelas interpretações quanto pelas coreografias e pela intensa atividade como professor.

Após o importante período de aprendizado com Maria Duschenes, Violla procurou outras linguagens no exterior, mais especificamente em Nova York, onde estudou com Merce Cunningham (1919-2009), Alvin Nikolais (1910-1993) e Pepsi Bethel (1918-2002), nos estúdios de Alvin Ailey (1931-1989), e com Martha Graham (1894-1991), no Clarck Center e em outros espaços. No Brasil, frequentou as aulas de dança clássica de Ady Addor, Jane Blauth (1937-2012) e Ismael Guiser (1927-2008).

O constante interesse pela pesquisa o levou a outros lugares do mundo, como o Taiti, onde estudou danças folclóricas

e primitivas, e San Francisco, cidade onde encontrou mestres de danças do Oriente Médio e do Caribe. Durante as viagens a países do Ocidente e do Oriente, sempre procurou aprender com professores locais, e fez o mesmo aqui no Brasil.

Para ampliar conhecimentos, estudou a fundo a Consciência do Movimento, de Moshe Feldenkrais (1904-1984); a Contact Improvisation, de Steve Paxton; a Body and Mind Centering, de Bonnie Bainbridge Cohen; e a Eutonia, de Gerda Alexander (1908-1994). Na França, estudou o método de Françoise Mezières (1909-1991) e o de Ehrenfried Pfeiffer (1899-1961). Também estudou anatomia, fisiologia e cinesiologia.

O primeiro espetáculo profissional de J. C. Violla foi *Depois do Arco-Íris*, escrito por Alberto Guzik (1944-2010) e pelo autor deste texto, que também dirigiu e criou os cenários e figurinos da montagem. Uma singela peça teatral, uma melancólica e delicada fantasia em que se incluíam sequências dançadas. Era a fase do teatro-dança ou da dança-teatro, e a apresentação foi no disputado Teatro da Dança, anexo do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo. Durante um dos espetáculos, o precário palco recebeu a visita de um cachorro, propriedade da bilheteira Marlene, o qual se agarrou ao figurino de Violla durante uma sequência coreográfica; mas Violla, apesar do inusitado *partner*, continuou dançando.

Incansável em seus estudos e no culto ao movimento natural, Violla procurou aulas de balé clássico e de outras técnicas. De certa maneira, tudo foi transformado e incorporado em sua própria dança e na atividade como professor. Seu J. C. Violla Estúdio de Dança recebe alunos há mais de 30 anos. Por lá já passaram mais de 20 mil pessoas.

* Os depoimentos de J.C. Violla neste texto foram dados ao autor.



Violla é um artista multifacetado. Como bailarino-intérprete, atuou tanto no cinema, quanto no teatro. A convite de Takao Kusuno (1945-2001), multitalentoso artista japonês radicado no Brasil, atuou como intérprete em *Corpo 1*, poética e enigmática criação exibida no teatro da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo.

O Teatro de Dança de São Paulo, comandado por Célia Gouvêa e Maurice Vaneau (1926-2007), proporcionou a Violla a participação em trabalhos desafiadores: *Expediente*, com música de Luciano Berio (1925-2003); *Contrastes Para Três*, com música de Béla Bartók (1881-1945); e *História do Soldado*, com música de Igor Stravinsky (1882-1971). Todos coreografados por Célia e dirigidos por Vaneau; *A História do Soldado* participou da programação do Festival de Música de Campos do Jordão. Com Juliana Carneiro da Cunha, Violla viria a dançar em *Os Amantes Tristes*, de Stéphane Dosse, no Teatro Maria Della Costa. No cinema, fez um dos papéis principais em *Pecados sem Nome*, de Juan Siringo, e criou a importante personagem Geni em *Ópera do Malandro*, de Rui Guerra. Ao lado de Maura Baiocchi, foi protagonista do média-metragem *Suíte Brasília*, de Roberto de Oliveira. Embora tenha sido várias vezes convidado, pouco atuou na TV. A primeira vez, em 1976, foi no especial para crianças *O Dragão Mágico*, produzido por Cláudio Petraglia para a Rede Bandeirantes, com direção de Sylvia Tinoco. Nos últimos anos, tem sido presença marcante no júri do quadro *Dança dos Famosos*, do Programa do Faustão, na Rede Globo.





Falso Brillhante

Violla conheceu o autor deste texto na Casa Mário de Andrade, na rua Lopes Chaves (São Paulo), em uma das primeiras reuniões que antecederam os ensaios de *Falso Brillhante*, show estrelado por Elis Regina (1945-1982). A diretora, a admirável atriz Myrian Muniz (1931-2004), tendo observado o aquecimento que Violla dava aos pacientes do terapeuta Roberto Freire, convidou-o para trabalhar com Elis e os músicos. Este autor foi convidado por Myrian para fazer os cenários e figurinos, e apresentado ao jovem de fartos cabelos e intensos olhos negros chamado Violla.

Falso Brillhante estreou no final de dezembro de 1975 e transformou-se imediatamente em inesperado sucesso de público e crítica. Violla lembra: “Meu maior impacto nesse trabalho aconteceu no dia em que vi Naum comandar a montagem de seus espetaculares cenários. Um momento surpreendente, mágico. Prontos, em seus devidos lugares determinados, com tanta propriedade e sob o efeito das luzes, os cenários adquiriram uma vida inesperada. Fiquei mais que encantado. Talvez isso tenha sido determinante em minha decisão de trabalharmos juntos”.

Os planos e sonhos surgidos dos ensaios de *Falso Brillhante* continuaram. O primeiro texto longo foi *Maratona*, protagonizado por Violla e Regina Wilke. Em carreira no Estúdio São Pedro, anexo ao teatro do mesmo nome, o espetáculo teve críticas estimulantes. Antunes Filho entusiasmou-se. Chico Buarque e Marieta Severo também. *Maratona* mostrou que deveriam seguir em frente.

Atendendo a um convite de Ruth Escobar, Violla recorreu a seus dons de bailarino para criar um personagem simbólico na

montagem de *Torre de Babel*, peça escrita e dirigida por Fernando Arrabal. Destacou-se e foi elogiado pelo desempenho do homem que se transformava em animal. A seguir, participou de *No Natal a Gente Vem Te Buscar*, vivendo um personagem difícil, o sensível, corajoso e trágico primo dos irmãos interpretados por Isa Kopelman, Alexandra Correa e Paulo Giandaglia/Roberto Arduin. A peça recebeu inúmeros prêmios, e, em 1979, Violla foi indicado ao troféu Mambembe como melhor ator do ano. Em seguida, participou como ator e bailarino da montagem brasileira de *A Chorus Line*, cujo produtor foi o inesquecível Walter Clark (1936-1997). Críticos como Sábado Magaldi, Ilka Zanotto e Helena Katz não pouparam elogios ao artista pela interpretação do personagem Paul. “Durante o teste, com o texto nas mãos, eu tremia muito, mas senti o forte olhar de Walter Clark sobre mim”, relembra Violla.

O espetáculo seguinte foi *A Aurora da Minha Vida*, escrito por este autor, com um elenco talentoso. Violla viveu dois papéis marcantes: o Quietinho, menino doente e filho de militar; e o repressor e temido Professor de Matemática. A peça foi enorme sucesso e é até hoje representada no Brasil e no exterior.

Anos depois, o desafio foi maior. Ele teve de criar o Moço, protagonista de *Um Beijo, um Abraço, um Aperto de Mão*. Personagem difícil, um tímido e frustrado jovem professor, de família protestante, com vagas aspirações a literato. Depois foi a vez de *Big Loira*, com Cristina Mutarelli e Iara Jamra, adaptação de contos de Dorothy Parker (1893-1967); Violla deu vida a Herbie, o namorado da Big Loira do título, com quem tomava porres deprimentes.

Nijinsky, de Naum Alves de Souza, 1987 (fotos: Miro Sousa e Zé Antonio) >

A Aurora da Minha Vida, de Naum Alves de Souza, 1981 (foto: Ruth Amorim de Toledo) >>







Chegou finalmente *Nijinsky*, velho sonho, velho projeto, escrito por este autor especialmente para Viola depois de longa pesquisa. Um preparo físico incomum foi necessário para viver o atormentado e genial bailarino. A coreógrafa Célia Gouvêa, parceira nesse e em outros espetáculos, recriou trechos das coreografias originais de Nijinsky e outros artistas da dança, assim como elaborou novas sequências, que muito exigiram do intérprete. Por Nijinsky, a Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) premiou Viola como o melhor bailarino de 1987. “Foi meu maior desafio como intérprete”, resalta Viola. “Devido ao temperamento do personagem biografado, eu rapidamente tinha que mudar de estado de espírito de uma sequência para outra e dançar coreografias de diferentes técnicas. Foi uma experiência incomum, da qual sinto saudades.”

Ao mesmo tempo que trabalhava ativamente em peças teatrais, Viola começou a elaborar com seus alunos coreografias de cunho expressionista. A pioneira, de certa forma encomendada pelo crítico Casimiro Xavier de Mendonça para a primeira Bienal Latino-Americana de São Paulo, chamou-se *Senhores das Sombras, Últimos Santos*, e abordou um tema que hoje tanto se discute, o da nefasta ameaça das seitas pseudoevangélicas. Viola atuou como coreógrafo e bailarino, e o grupo veio a se profissionalizar com o nome J. C. Viola Grupo de Dança. Apresentações ocorriam no prédio da Bienal e depois no Teatro da Dança, em funcionamento no anexo do Teatro Ruth Escobar. O mesmo grupo viria a participar da produção subsequente, uma criação mais ambiciosa, de forte impacto emocional, que nasceu sob o nome *Veia Vinte* e depois, ampliada, chamou-se *Valsa Para Vinte Veias*, com músicas de Maurice Jarre (1924-2009), Brian Eno, Steve Reich e Maurice Ravel (1875-1937).

< *Valsa para Vinte Veias*, de J.C Viola, 1980 (fotos: Acervo pessoal, Emidio Luisi, Leonardo Crescenti Neto e Miro Sousa)

Flippersports, de J.C Viola, 1980 (foto: Leonardo Crescenti Neto) >>



A convite de Klauss Vianna (1928-1992), Violla repetiu a coreografia no Balé da Cidade de São Paulo (BCSP), então chamado Corpo de Baile do Theatro Municipal de São Paulo. Encerrou o ciclo uma coreografia de movimentos mecânicos denominada *Flippersports*, baseada nas populares máquinas de jogos dos fliperamas, com música de Peter Gordon.

Havia muito tempo, Violla, Célia e este autor estavam de olho em *Petruchka*, atraídos tanto pelo tema, quanto pela extraordinária música de Stravinsky. Não se tratava de imitar a coreografia original de Michel Fokine (1880-1942), cujo maior intérprete foi Nijinsky. O novo desafio, abraçado com paixão por Célia, seria uma releitura abrasileirada do conto russo. Mantidos os caracteres do boneco de pano, da bailarina mecânica, do homem forte e do poderoso mago que os controlava, os personagens secundários ganharam mais evidência que no original. Violla interpretou o boneco Petruchka com grande emoção e técnica. A ação se passava no desanimado e úmido Carnaval de São Paulo, repleto de mendigos, malandros, ladrões. Um incidente na noite de estreia: com o Theatro São Pedro lotado e os críticos na plateia, a fita do gravador de rolo subitamente se prendeu, partiu-se, e a coreografia teve de parar. *Petruchka*/Violla, atado a fios manipulados por outros bailarinos, parecia não acreditar no que estava acontecendo. Violla e o elenco permaneceram imóveis, talvez à espera de um milagre. A plateia aplaudiu em apoio. A sonoplasta conseguiu emendar a fita, e o espetáculo continuou. *Petruchka* foi um dos mais gratificantes projetos da carreira de Violla, que declara: “*Petruchka* e Célia Gouvêa, companheira em tantos projetos, ficaram inseparáveis em minhas lembranças



e conceitos. Célia sempre procurou entender minha natureza, apreciar e usar minhas qualidades, enfrentar minhas dificuldades. Também foi grande o entrosamento entre Célia e Naum. Eu amava especialmente aquele boneco e me entreguei totalmente a ele”.

Foi um recorde de público. Ficou várias semanas em cartaz e resistiu às andanças por diferentes teatros. Dele veio o prêmio para Violla como bailarino do ano, dado pela APCA, em 1982.

A Dança de Salão

Dancing in the Sky era um curso projetado para uma única semana de verão, mas transformou-se em febre em São Paulo e acabou durando muitas semanas. Os cursos de danças de salão causaram furor, deram nova vida ao gênero, e o estúdio de Violla não dava conta da demanda; as vagas eram disputadas, e muitos se desesperavam porque só casais podiam se matricular. Os alunos, na maioria não profissionais, sentiam uma grande felicidade – faziam amigos, saíam juntos, passavam a frequentar os bailes populares dos clubes e festas particulares. “Tudo o que fiz me deu um lastro para ensinar danças de salão de uma maneira livre, solta, original, com método próprio.”

Como ficar indiferente ao entusiasmo de todos e não criar um espetáculo? As danças de salão deram origem a dois grandes espetáculos, *Salão de Baile* e *Bailes do Brasil*. Violla tem ouvido excelente e é mestre em fazer trilhas. Os ensaios começaram sem roteiro definitivo nem solidamente amarrado, o que permitiu trocar músicas, modificar a sequência. Para fazer o cenário, foi convidada a artista plástica Flávia Ribeiro, e este autor foi responsável pela direção e pelos figurinos retrôs, inspirados nas roupas dos anos 1950. Como pesquisa, frequentaram os bailes dos clubes paulistanos – Homs,

e pelos figurinos retrôs, inspirados nas roupas dos anos 1950. Como pesquisa, frequentaram os bailes dos clubes paulistanos – Homs, União Fraterna, Piratininga – e viram que neles havia a atmosfera de uma cidade que não mais existia, um clima romântico nos casais que vestiam roupas feitas do mesmo tecido ou aparentemente saídas de velhos armários. Violla tinha vivo na memória os bailes de formatura e as domingueiras do interior paranaense, onde sua irmã Cleide brilhava como uma das mais belas garotas da sociedade local. O elenco de *Salão de Baile* era formado de 20 casais. Fazer dançar livremente é uma coisa, mas executar tudo dentro de um desenho coreográfico é outra e exigiu um cálculo geométrico complicado, que obrigou Violla a fazer gráficos que deveriam estar prontos para os ensaios – os quais, por conta das agendas do elenco, nem sempre eram diários.

A coreografia não se restringia aos passos básicos das danças de salão; novos desenhos e movimentos tiveram de ser criados e aprendidos pelos bailarinos. Estes – médicos, engenheiros, arquitetos, designers, empresários, executivos e outros profissionais – continuavam a trabalhar normalmente. Noites da semana, sábados e domingos passaram a fazer parte da rotina daquele pequeno exército, que nunca tinha pisado em um palco nem se exibido em público. As etapas foram sendo cumpridas: ensaios, provas de figurino, testes de maquiagem, sessões de fotografia, filmagens para divulgação.

Na estreia, todos estavam nervosos, mas seguros para receber no final os aplausos calorosos de uma plateia tão entusiasmada quanto a que se vê nos jogos de futebol. Violla, além de ter participado como coreógrafo, dançou vários números solo e em conjunto. Abria o espetáculo a romântica canção *There Will*

Never Be Another You, interpretada por Nat King Cole (1919-1965), dançada por Violla e coreografada por Célia Gouvêa. Estreado no Teatro Sérgio Cardoso, *Salão de Baile* continuou a vitoriosa carreira no Tuca, o teatro da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, em 1993.

Anos depois, nasceu *Bailes do Brasil*, cuja seleção musical foi feita por Violla com todo o material coletado em suas viagens pelo país. De novo, um elenco de 40 pessoas. Violla solou e participou de coreografias de conjunto. Aplausos contínuos em cena aberta, ingressos esgotados no grande Teatro Cultura Artística de São Paulo.

Doze Movimentos para um Homem Só

Um dia, em 2002, Violla, mesmo cheio de receio, decidiu produzir seu primeiro espetáculo solo. Doze músicas e o concurso de jovens coreógrafos surgidos no Brasil nos anos anteriores, como Roberto Ramos, Adriana Grecchi, Jorge Garcia, Miriam Druwe. Para esse espetáculo, o veterano bailarino argentino Miguel Ángel Zotto criou um tango especial. Violla fez questão de que uma coreografia anterior, que havia proporcionado muito prazer a ele e ao público, constasse do programa, devidamente repaginada: *Expediente*, de Célia Gouvêa. Violla estava só em cena, mas um pequeno exército, formado de técnicos de luz, sonoplastas, projeccionistas, contrarregras, maquinistas, camareiras, agia por trás e fora do palco. No final, “quase morto”, mas sorridente, comparecia ao palco para receber os aplausos. *Doze Movimentos Para um Homem Só* ficou em cartaz cinco semanas no Teatro Sesc Anchieta. Com esse espetáculo, J. C. Violla recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto de sua obra.

J. C. Violla, até hoje, descobre maneiras de se renovar. Suas aulas atuais misturam técnicas do movimento natural com danças de salão e danças étnicas. Tudo o que estudou está presente na sala de aula e no palco. Os sonhos não terminaram – muito está por acontecer.

Por Naum Alves de Souza

Naum Alves de Souza é dramaturgo e diretor teatral.



J.C. Viola | Cronologia

1947 Em 24 de abril, na cidade de Lins (SP), nasce o bailarino, professor, coreógrafo e ator José Carlos de Azevedo Viola – ou, como é conhecido artisticamente, J. C. Viola. Filho de Angelina Azevedo Viola (1918-2008) e Jorge Viola Jamarino (1913-2000);

1970 Inicia os estudos de dança pelas mãos da mestra húngara, radicada no Brasil, Maria Duschenes, por meio da teoria e da técnica de Rudolf Laban (1879-1958);

1972 A convite de Duschenes, começa a carreira de professor, ministrando a parte prática de um curso de formação na Teoria do Movimento de Laban a um grupo de 200 terapeutas, psicólogos e psicanalistas na quadra do Sesc Consolação, em São Paulo;

1973 Tem sua primeira experiência como bailarino, no palco do Teatro Masp (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), no *Espectáculo Cinético* de Maria Duschenes;

1975 Parte para Nova York para temporada de estudo nas escolas de Merce Cunningham (1919-2009), Alwin Nikolais (1910-1993), Alvin Ailey (1931-1989) e Martha Graham (1894-1991). Também fez aula com Trisha Brown, Sara Rudner, Stephen Petronio e outros. No mesmo período, interessado pelas técnicas corporais, resolveu aprofundar-se no estudo das pesquisas desenvolvidas por Moshe Feldenkrais (1904-1984), Gerda Alexander (1908-1994), Godelieve Denys-Struyf e Françoise Mezières (1909-1991). Ainda em 1975, a convite de Myrian Muniz (1931-2004), que dirigia o show *Falso Brillante*, de Elis Regina (1945-1982), desenvolve seu primeiro trabalho como preparador corporal de todo um grupo. É quando conhece Naum Alves de Souza, com quem firmará grande parceria;

1977 Tem a primeira experiência como ator-bailarino, ao dividir a cena com Ruth Escobar em *Torre de Babel*, de Fernando Arrabal. Atua também em peça *Maratona*, com direção, texto e cenário de Naum Alves de Souza;

1978 Para o Grupo experimental J. C. Viola (constituído de dez homens e dez mulheres, de formação profissional diversa), coreografa *Senhores das Sombras*, *Últimos Santos* com colaboração de Janice Vieira, que estreia na Primeira Bienal Latino-Americana de São Paulo. A convite do grupo Andança, cria *Rua São Caetano*, inspirada na cidade de São Paulo e em sua diversidade de bairros e zonas comerciais. Como ator-bailarino, participa de *Magitex*, de Maria Duschenes, e de *Depois do Arco-Íris* (dança-teatro), com direção e texto de Naum Alves de Souza e colaboração de Alberto Guzik (1944-2010);

1979 Estabelece nova versão para o *Senhores das Sombras*, apresentada na I Mostra de Dança Contemporânea de São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia. Também atua em *No Natal a Gente Vem Te Buscar*, com texto e direção de Naum Alves de Souza;

1980 Cria o J. C. Viola Estúdio de Dança, no bairro paulistano de Pinheiros, onde permanece até hoje. Por lá, depois de mais de três décadas, passaram mais de 20 mil alunos. Cria *Valsa Para Vinte Veias*, com direção, roteiro e figurinos de Naum Alves de Souza. Por esse trabalho, obtém da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) o prêmio revelação de coreógrafo. Cria e coreografa para seu grupo de dança *Valsa para Vinte Veias*, com colaboração de Lala Deheinzelin; direção, cenário e figurino de Naum Alves de Souza;

1981 Coreografa *Flippersports*, cuja temática explora uma gama de movimentos em diversos esportes e na automação dos jogos eletrônicos. Como bailarino-ator, participa de três espetáculos cujas coreografias são de Célia Gouvêa: *Expediente*; *Contraste Para Três*; e *Lendas*. Atua também na peça teatral *Aurora da Minha Vida*. E, sob direção de Stéphane Dosse, faz *Os Amantes Tristes*. Em setembro, ocorre uma retrospectiva de seus trabalhos, na qual se remontam *Senhores das Sombras* e *Valsa Para Vinte Veias*;

1982 Produz e dança o papel principal de uma adaptação contemporânea, concebida por Naum Alves de Souza com coreografia de Célia Gouvêa, do balé *Petruchka*, com música do compositor Igor Stravinsky (1882-1971). No mesmo ano, recebe da APCA, por esse espetáculo, o prêmio de melhor bailarino;

1983 Com coreografia de Célia Gouvêa e Maurice Vaneau (1926-2007) e música de Igor Stravinsky, dança *História do Soldado* no Festival de Inverno de Campos do Jordão. Participa do elenco do primeiro musical da Broadway montado no Brasil, *A Chorus Line*;

1984 Volta ao palco como ator em *Um Beijo, um Abraço, um Aperto de Mão*, com texto, direção e cenário de Naum Alves de Souza;

1985 Cria o *Dancing in the Sky*, curso de verão de dança de salão que é considerado pioneiro;

1986 No cinema, atua com ator-bailarino no musical brasileiro *Ópera do Malandro*, dirigido por Ruy Guerra;

1987 Como bailarino-ator na peça *Nijinsky* – texto, direção e cenário de Naum Alves de Souza, com colaboração do fotógrafo Miro e remontagem coreográfica de Célia Gouvêa –, interpreta a personagem-título, Vaslav Nijinsky (1890-1950). Por esse trabalho, recebe o prêmio da APCA de melhor bailarino. Coreografa para o filme *Feliz Ano Velho*, de Roberto Gervitz;

1947 - Nasce em Lins, São Paulo



1981 - *Lenda*



1981 - *Contraste para três*



1987 - *Nijinsky*



1989 Atua na peça *Big Loira*, adaptação e direção de Naum Alves de Souza para uma série de contos de Dorothy Parker (1893-1967);

1991 De volta ao teatro musical, desenvolve o trabalho coreográfico de *Almanaque Brasil*, de Noemi Marinho. Recebe da Associação de Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado de São Paulo (APETESP) o prêmio de melhor coreógrafo pelo trabalho desenvolvido no musical *Almanaque Brasil*;

1993 Originado dos trabalhos com os alunos do curso de dança de salão, surge novo grupo de dança, constituído por 40 pessoas – 20 homens e 20 mulheres, sem nenhuma experiência profissional em dança. Para esse grupo, coreografa *Salão de Baile*, com direção de Naum Alves de Souza. Recebe da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) o prêmio de melhor espetáculo do ano;

1997 Cria as coreografias de *Baile do Brasil*, com direção, roteiro, cenário e figurinos de Naum Alves de Souza, num gênero que mescla danças tradicionais brasileiras, ritmos folclóricos e étnicos. Recebe da APCA o prêmio de melhor coreógrafo do ano;

2002 No Teatro Sesc Anchieta, em São Paulo, apresenta seu primeiro balé-solo, *Doze Movimentos Para um Homem Só*; coreografia composta de 12 sequências curtas, criadas por ele e Célia Gouvêa e jovens coreógrafos brasileiros. Recebe da APCA o prêmio de melhor conjunto da obra;

2005 Na Rede Globo de Televisão, no programa Domingão do Faustão, inicia sua participação (que se estende até hoje) no quadro Dança dos Famosos, como jurado técnico, ao lado de outras grandes personalidades da dança brasileira;

2008 Faz o trabalho de coreografia do filme *Chega de Saudade*, com direção de Laís Bodanzky;

2013 Ministra aulas de dança no Brasil e no exterior.

Cronologia por Rodrigo Fontanari

Rodrigo Fontanari é publicitário. Mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Salão de Baile, de J.C. Violla, 1993 (foto: Miro Sousa) >

Bailes do Brasil, de J.C. Violla, 1997 (foto: Arnaldo Pappalarádo) >>

1997 - *Bailes do Brasil*

2013 - Jurado da Dança dos Famosos, na Rede Globo





Para Saber Mais

Sites

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,jc-violla-professor-de-21-mil-alunos,659701,0.htm>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u26156.shtml>

http://mu.pec.sp.gov.br/LearningSpace5/EM/Curso_010/Consulta/ATP/modulo_01/unidade_02/dep_11.htm

<http://www.dgabc.com.br/Noticia/211929/j-c-violla-faz-sua-estrela-sole>

<http://www.iaidigital.com.br/digitalizacao/wp-content/uploads/JC-VIOLA.pdf>

<http://tv.globo.com/programas/domingao-do-faustao/danca-dos-famosos-2011/platb/tag/j-c-violla>

<http://www.acervogouvea-vaneau.com.br/Espectaculo.aspx?item=3&id=313>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dan%C3%A7a_dos_Famosos

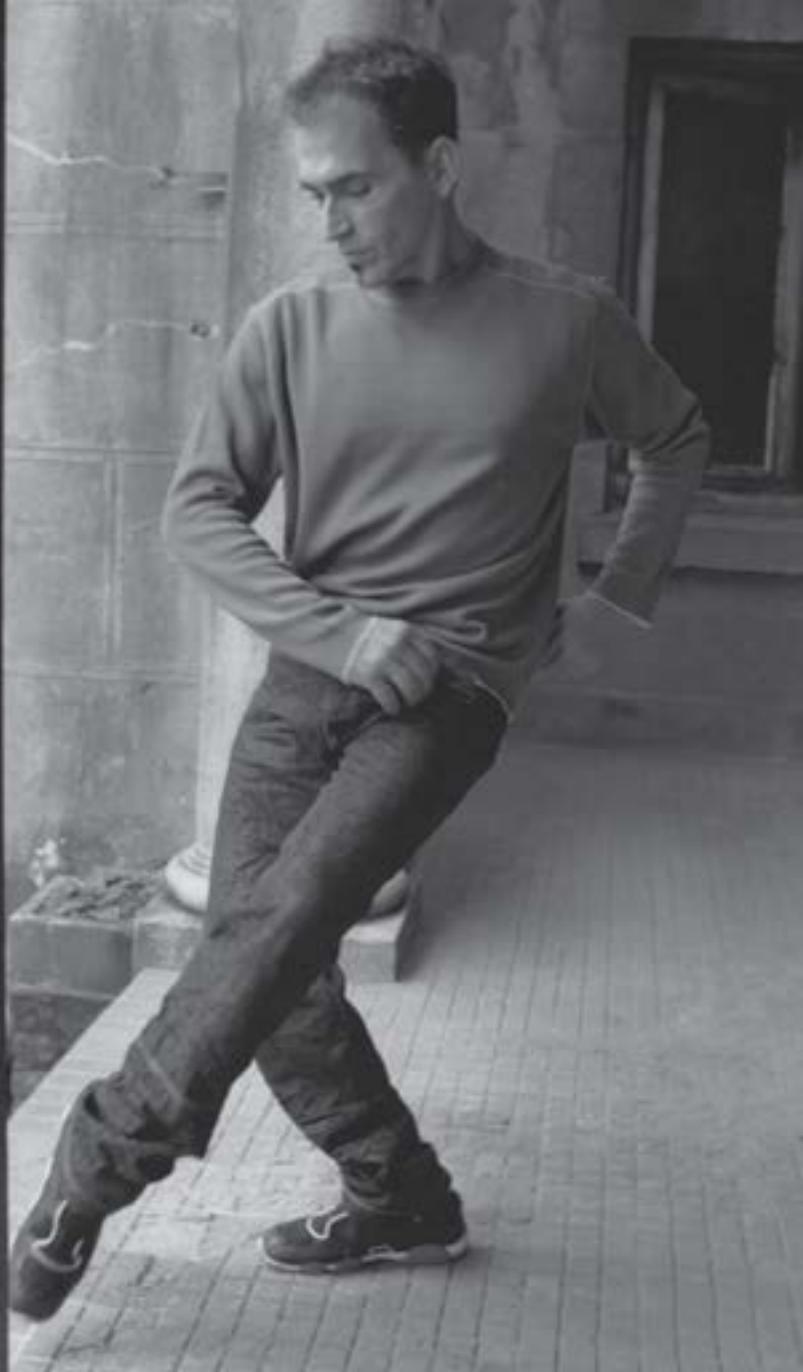
http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Duschenes

http://www.telabr.com.br/wiki/index.php?title=Chega_de_saudade

Videos

<http://mais.uol.com.br/view/xiddtuwnvlqs/metropolis-jc-violla-comemora-30-anos-de-danca-04021B326EE0994326?types=A&>

<http://www.youtube.com/watch?v=FQrJgfUcauA>





Expediente (1981)



Contraste para Três (1981)



Os Amantes Tristes (1981)



A Aurora da Minha Vida (1981)



Nijinsky (1987)



Flippersports (1980)



Petruchka (1982)



Salão de Baile (1993)



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO ARTÍSTICA | INÊS BOGÉA

É uma companhia que dança de ponta a ponta, seja pelo variado repertório, que vai do clássico ao contemporâneo; seja pela diversidade dos programas, que abrangem Produção Artística e Circulação de Espetáculos; Programas Educativos e de Formação de Plateia; e Programas de Registro e Memória da Dança. Criada pelo Governo do Estado de São Paulo em 2008, a SPCD, dirigida por Inês Bogéa, busca uma conexão com a plateia pela paixão, curiosidade e percepção do mundo da dança em movimento.

Desde que foi criada produziu 29 coreografias, realizou mais de 390 espetáculos e foi vista por 340 mil pessoas. A SPCD também produziu mais de 30 documentários sobre dança e publicou cinco livros de ensaios.

São Paulo Companhia de Dança | Rua Três Rios, 363 - 1º andar |
Tel: 11 3224 1380 | Bom Retiro, São Paulo SP



2012



2013



2011



2010



2009



2008



Figuras da Dança

A dança tem muitas histórias, e para revelar um pouco delas a Companhia criou a série de documentários *Figuras da Dança* que traz para você essa arte contada por quem a viveu. A série conta com 26 episódios: Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Marilena Ansaldi, Penha de Souza, Antonio Carlos Cardoso, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Ruth Rachou, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Carlos Moraes, Márcia Haydée, Décio Otero, Sônia Mora, Célia Gouvêa, Ana Borafogo, Ismael Ivo, Lia Robatto, Marilene Martins, Edson Claro (1949-2013), Hugo Travers, Janice Vieira, Cecília Kerche, J.C. Violla e Eva Schul.

A série teve codireção de Inês Bogéa e Antônio Carlos Rebescos (2008), Sérgio Roizenblit (2009), Moira Toledo (2010) e direção de Inês Bogéa (2011 a 2013).



J.C. VIOLLA



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN
GOVERNADOR DO ESTADO

MARCELO MATTOS ARAUJO
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

MARIA THEREZA BOSI DE
MAGALHÃES
COORDENADORA DA UNIDADE DE FOMENTO E
DIFUSÃO DA PRODUÇÃO CULTURAL

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO
Inês Bogéa

SUPERINTENDÊNCIA
Luca BaldoVino | José Galba de Aquino

ENSAIO
COORDENADORA E ENSAIADORA | KARINA MENDES
PROFESSORA E ENSAIADORA | ILARA FERREIRA LOPES
PROFESSOR | JOSÉ RICARDO TOMASELLI
ASSISTENTES DE ENSAIO | BEATRIZ HACK | DUDA BRAZ
BAILARINOS | ACOÁO DE CASTRO, ALINE CAMPOS, AMANDA
ROSA, ANA PAULA CAMARGO, ANA ROBERTA TEIXEIRA, ANDRÉ
GRIPPI, ARTEMIS BASTOS, BEATRIZ HACK, BINHO PACHECO,
BRUNO VELOSO, DANIEL RECA, DANYLA BEZERRA, DIEGO DE
PAULA, DUDA BRAZ, EMANUEL ABRUZZO, FABIANA IKEHARA,
FELIPE CAMAROTTO, FLÁVIO EVERTON DA CONCEIÇÃO,
GEIVISON MOREIRA, ISABELA MAYLART, JOCA ANTUNES,
KARINA MOREIRA, LEONY BONI, LETÍCIA MARTINS, LOUIZ
PERAZZELLI RODRIGUES, LUCAS AXEL, LUCAS VALENTE,
LÚCIO KALBUSCH, LUIZA DEL RIO, LUIZA LOPES, LUIZA
YUK, MICHELLE MOLINA, MORGANA CAPPELLARI, MURILO
GABRIEL, NIELSON SOUZA, OLÍVIA PUREZA, PAMELA
VALIM, PILAR GIRALDO, RAFAEL GOMES, ROBERTA BUSSONI,
RODOLFO SARAIVA, THAÍS DE ASSIS, THAMIRIS PRATA,
VINÍCIUS VIEIRA, YOSHI SUZUKI
PIANISTA | ROSELY CHAMMA
AUXILIARES DE ENSAIO | ISADORA FATIGATI BATTIATO |
ANDRÉIA LAZZARI CHIOVATTO
ESTAGIÁRIOS | GIOVANNA SARTORI PEREIRA | KARINA DA
SILVA PESSOA FIRME

Créditos do livro

Projeto gráfico: Mayumi Okuyama | Diagramação: Janaina Seolin | Fotografias da cronologia: Acervo pessoal, Arnaldo Pappalardo, divulgação, Gerson Zanini, Leonardo Crescenti Neto, Marinez Maravalhas Gomes, Miro Sousa, Ruth Amorim Toledo e Zé Antonio | Revisão de textos: Mario Vilela

PRODUÇÃO

COORDENADOR | ANTONIO MAGNOLER
ENCARREGADO DE PALCO | LUIZ ANTÔNIO DIAS
PRODUTOR | MARCIO BRANCO
PRODUTOR TÉCNICO | LUIZ ALEX TASSO
MAQUINISTA | THIAGO MERIJ
ILUMINADORES | GUILHERME PATERNO | SUELI MATSUZAKI
TÉCNICO DE SOM | SÉRGIO PAES
AUXILIAR ADMINISTRATIVO DE PRODUÇÃO | ANDRÉ SOUZA
CAMAREIRAS | ELIZABETE ROQUE | VERA LÚCIA PEREIRA

EDUCATIVO, MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO

COORDENADORA | MARCELA BENVENIGNU
ASSESSOR DE AUDIOVISUAL | CHARLES LIMA
ASSISTENTES DE EDUCATIVO | BRUNO CEZAR ALVES | CLÁUDIA
TRENTO
ASSISTENTES DE COMUNICAÇÃO | PAULA QUARESMA FREITAS |
THIAGO AUGUSTO DE SOUZA
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO | ANA LUIZA BRÓLIO DE PAULA
ASSISTENTE AUDIOVISUAL | CARLOS YAMAMOTO
DIAGRAMADORA | JANAINA SEOLIN
ESTAGIÁRIOS | ERIKA MUNIZ | PAULA MONTINGELLI CEZAR |
CAROLINE PUZONI SILVA

ADMINISTRAÇÃO

COORDENADOR | MARCIO TANNO
CONTROLLER | ALEXANDRE AUGUSTO DOS SANTOS
ASSESSORA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | CRISTIANE
AURELIANO
ASSESSOR CONTÁBIL | LUIZ ÁRTUR ROZIN
SECRETÁRIA DE DIREÇÃO | MORGANA LIMA
ANALISTA DE TI | MARCO AURÉLIO PITON
ANALISTA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | EDUARDO
BERNARDES DA SILVA
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | CARLOS SOARES
ASSISTENTE CONTÁBIL | DIEGO MENDES MARTINS
ASSISTENTE DE TI | CÉSAR HENRIQUE CRUZ DA SILVA
ARQUIVISTA | MARIA FERNANDA FREITAS
ALMOXARIFE | GUILHERME DE SOUZA
RECEPCIONISTA | EVANGELINA MELO
AUXILIAR DE DEPARTAMENTO DE PESSOAL | GERSON DE
CARVALHO ALVICO
AUXILIARES ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO | FELIPE GOZZI
FIGUEIREDO | JEFERSON DE SOUZA DIAS
AUXILIARES DE SERVIÇOS GERAIS | EDMILSON EVANGELISTA
DOS SANTOS | NEIDE DOS SANTOS NERY | ANÁLIA PEREIRA DE
BRITO
APRENDIZES | ANA CAROLINA FLORÊNCIO NOGUEIRA | MARCUS
VINÍCIUS ROCHA PRATES

COLABORADORES

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO | EDELMAN SIGNIFICA
CONSULTORIA JURÍDICA | MANNRICH, SENRA E VASCONCELOS
ADVOGADOS | BARBOSA E SPALDING ADVOGADOS
CONSULTOR ARTÍSTICO | GUY DARMET
CONTRATOS INTERNACIONAIS | OLIVIERI ASSOCIADOS
CONTABILIDADE | ESCRITÓRIO CONTÁBIL DOM BOSCO
FORNECEDOR EXCLUSIVO DE SAPATILHAS | CAPEZIO
SERVIÇOS DE FISIOTERAPIA | VITACARE
WEBSITE | VAD – PROJETOS MULTIMÍDIA

< J.C. Violla (fotos: Miro Sousa e Zé Antonio)

[contracapa] J.C. Violla (foto: Acervo pessoal) >>



Apoio

POTESIS
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



Finalização



Realização

ASSOCIAÇÃO
PRÓ-DANÇA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura